



Mídia-Educação: produtos midiáticos desenvolvidos com alunos do Colégio Paraná, em Maringá-Pr, conscientizando para a diminuição da produção de lixo¹

Acadêmicos de JORNALISMO²
Eder Henrique ALFREDO³
Luzia Yamashita DELIBERADOR⁴
Vinícius MACHADO⁵
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

Este trabalho teve o objetivo de, através de experiências práticas, argumentar sobre a importância da presença de mídias em sala de aula, a fim de melhorar o aprendizado de crianças do ensino fundamental. Com base no trabalho de alguns estudiosos do assunto comunicação procurou-se relacionar o uso dos meios e a contribuição de mídias como Rádio, TV e Histórias em Quadrinhos (HQ) como forma de reforçar temas ambientais discutidos por meio do ensino teórico tradicional. Pretende-se, com isso, envolver as crianças sobre a importância em diminuir a produção de lixo nas cidades, de forma que, não só aprendam sobre o assunto, mas que, através do trabalho com meios de comunicação ajam ativamente diante de temáticas sócio-ambientais de forma cidadã.

PALAVRAS-CHAVE: mídia-educação; educador; criticidade.

INTRODUÇÃO

Considerando que a cada dia as crianças têm mostrado pouco interesse por métodos aplicados na educação tradicional e levando-se em conta a preferência e influências exercidas pelos meios de comunicação na educação, pois, de acordo com Mônica Fantin⁶ (2006, p.1) "as atuais gerações de crianças e jovens cresceram com a TV, com o vídeo, com o controle remoto", as mídias contemporâneas já estão presentes diariamente na educação, ainda que informalmente.

¹ Trabalho submetido ao XVII Prêmio Expocom 2010, na Categoria de Produção Editorial e Produção Transdisciplinar em Comunicação, modalidade Quadrinhos (avulso).

² Andréia Carolina de Oliveira, Cristiane Brito, Débora Schmitt, Elisabeth Natale, Emmelle Heloísa Ferrari, Janicelma Silva Lima, José Luiz de Souza, Paula Adriana Grava, Rafael Fajardo, Tiago Fantin e Wilians Zanchim estudantes do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da Faculdade Maringá.

³ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da Faculdade Maringá, email: ederalfred@gmail.com

⁴ Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade São Paulo (ECA/USP). Professora aposentada da Universidade Estadual de Londrina - UEL, atualmente, convidada do Curso de Pós Graduação Lato Sensu em Comunicação Popular e Comunitária da UEL. Leciona as disciplinas de Mídia e Educação e Comunicação Comunitária para a graduação do Curso de Comunicação Social/Habilitação em Jornalismo da Faculdade Maringá, em Maringá-PR. Orientadora deste projeto, email: adeli@sercomtel.com.br

⁵ Aluno líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da Faculdade Maringá, email: vinicius.pauta@gmail.com

⁶ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina.



[...] no plano educativo, um dos desafios atuais é confrontar os modos tradicionais de educação e apropriação de conhecimento e a “cultura midiática” dos alunos, para que a educação sirva pra promover ao mesmo tempo o espírito crítico do cidadão e a capacidade de análise do educando. (JACQUINOT, 1998, p.2).

Trabalhar temáticas de ordem social e atuais como impactos ambientais, por exemplo, pode ser um desafio para o ensino tradicional⁷ (giz e quadro negro), pois falta neste sistema a chance para os alunos de fazerem parte da discussão de maneira ativa e participativa. “Muitas vezes não leva em consideração o que a criança aprende fora da escola, seus esforços espontâneos, a construção coletiva” (ZACHARIAS, 2007, p.1).

Necessitaria, então, de ferramentas que façam as crianças interagirem principalmente em temáticas do cotidiano e de cidadania, e o trabalho com mídias em sala de aula dá vazão a isso. Sendo a linguagem jovem atrelada às tecnologias de seu tempo, é necessário que se utilize dessa comunicação para que se consiga passar conteúdos escolares de forma eficaz. Dessa forma, há uma interação entre professor e aluno.

A esse respeito, o campo da educação-comunicação tem se preocupado com as mediações escolares e tem se configurado como um campo teórico-prático muito fértil. Considerando que a comunicação é imprescindível para a educação, pois toda prática educativa é uma prática também comunicativa, a comunicação faz parte da educação e, neste sentido, “não existe educação sem comunicação” (FANTIN, 2006, p.2).

Através das práticas dos meios de comunicação, o educador pode colaborar para o estímulo de sensibilidade das crianças em produções e divulgação sobre a importância da diminuição da produção de lixo. Tal atividade se une ao ensino tradicional, servindo de apoio para melhor compreensão e participação dos alunos em temáticas de cidadania, “porque a escola e os meios têm pontos em comum e o que se aprende na escola pode ajudar a entender os meios e vice-versa” (JACQUINOT, 1998, p. 5).

E trabalhando temáticas atuais com a utilização da mídia e com a colaboração do educador “o que é aprendido na escola extrapola o quadro escolar e se prolonga na

⁷ O ensino tradicional é uma proposta de educação centrada no professor cuja função define-se por vigiar os alunos, aconselhá-los, ensinar a matéria e corrigi-la. A metodologia decorrente de tal concepção tem como princípio a transmissão dos conhecimentos através da aula do professor, freqüentemente expositiva, numa seqüência predeterminada e fixa, enfatiza a repetição de exercícios com exigências de memorização. Valoriza o conteúdo livresco e a quantidade.



vida cotidiana” (JACQUINOT, 1998, p.12). Contudo, além de pesquisar o assunto em livros e outras fontes, poderão desenvolver atividades na produção de um programa de TV, rádio e histórias em quadrinhos. Essas atividades servirão de apoio prático às teorias apresentadas em sala de aula acerca do tema. Quer-se, com isso, chamar a atenção das crianças de forma agradável e participativa, já que a mídia contribui para isso, então, não só por despertar a leitura crítica, mas também porque elas estarão produzindo, o que pode ser um chamariz para o interesse das crianças bem como o seu envolvimento.

Este trabalho está centrado na educação formal de disciplinas curriculares do Colégio Paraná, na cidade de Maringá-Pr, com alunos do ensino fundamental, e com o objetivo trabalhar utilizando as ferramentas dos meios de comunicação, colocando em prática os fundamentos de mídia, cuja produção é feita pelos próprios alunos, sob o auxílio de acadêmicos de jornalismo.

Tendo em vista a dificuldade de relacionar teorias escolares com a prática com crianças, mediante as questões ambientais ou outros temas sociais, agrega-se e estuda-se aqui a mídia em sala de aula como uma alternativa para que o educando se envolva com o tema teoricamente estudado, podendo ser constatada a influência dos meios de comunicação para melhor compreensão do aluno acerca do tema, bem como uma participação mais ativa por parte deles.

Mais especificamente, a pesquisa teve o intuito de despertar o interesse das crianças para conscientização e comprometimento na diminuição do lixo produzido pela sociedade atual através da elaboração de programa de rádio, TV e histórias em quadrinhos, visto que, as crianças aprendem com os meios de comunicação e, por isso, podem agregá-los aos conteúdos estudados em sala de aula, colocando a teoria em prática, através da produção de mídias realizadas pelos próprios alunos.

Por meio da Pesquisa-ação, o trabalho fundamenta-se numa análise qualitativa das práticas escolares utilizando meios de comunicação para conscientização do tema escolhido. Isso se dá através da observação, anotações e relatórios de oficinas elaboradas pelos acadêmicos, com aplicação de técnicas dos meios de comunicação junto às crianças, bem como a exploração de referencial teórico acerca do tema trabalhado. Inicialmente, são realizadas quatro oficinas como: fundamentos de técnicas de rádio, TV e histórias em quadrinhos. Isso foi definido no projeto de cada mídia trabalhada.

RELAÇÃO ENTRE MÍDIA E EDUCAÇÃO



O projeto aqui estudado contou com trabalhos desenvolvidos com crianças do ensino fundamental (3ª e 4ª séries) utilizando as mídias: rádio, TV e histórias em quadrinhos. No momento inicial, além da apresentação do funcionamento de cada mídia aqui relacionada, trabalhou-se também a leitura crítica. Tratou-se, então, da explanação sobre os meios de comunicação que mais tarde seriam explorados para melhor reflexão das crianças sobre como poderiam utilizar tais recursos para o tema estudado por eles, sendo a conscientização para que se diminua a produção de lixo.

Trabalho de cidadania, como esse, requer ferramentas que estejam no cotidiano das crianças dentro e fora da sala de aula. Então, entender o funcionamento dos meios de comunicação desenvolve nos educandos uma leitura mais clara, objetiva e com maior possibilidade de reflexão sobre o que se estuda. Conforme Maria Luiza Belloni “a mídia-educação constitui-se, neste contexto de fim de século saturado de tecnologias de informação, como condição para a realização de uma cidadania plena” (BELLONI, 2005, p.44). Assim, o despertar para uma leitura crítica torna-se mais eficaz.

A união de temáticas sociais com técnicas de mídias torna-se uma combinação perfeita para que as crianças, não apenas compreendam a importância de se reduzir a produção do lixo nas cidades, mas também para que reajam de forma participativa com o tema. O local específico para tal atividade – que soma mídias com ensino formal – só poderia ser a escola, embora as crianças aprendam, de forma viciada e não educativa, também fora da sala de aula.

Somente a escola pode – teórica e praticamente – conceber e executar mais esta tarefa fundamental de educação para a mídia. Como depositária do espírito crítico, responsável pela elaboração das aprendizagens e pela coerência da informação, a escola detém a legitimidade cultural e as condições práticas de ensinar a lucidez às novas gerações. Diante dos desafios da técnica em geral e da mídia em particular, a escola deve se adaptar, se reciclar e abrir-se para o mundo, integrando em seu ensino as novas linguagens e os novos modos de expressão (UNESCO, 1984, *apud* BELLONI, 1991, p.41)

Ao se tratar de educação proporcionada através de mídias, deve ser levado em conta o poder prático de socialização proporcionado pelos meios de comunicação. A idéia e o reconhecimento do mundo tornam-se mais implícitos quando utilizado os meios de comunicação para mostrar dado fato. Entretanto, essa representação midiática que faz as pessoas, principalmente as crianças a terem conhecimento sobre o mundo e o meio que as



cerca, não fica limitado apenas nas formas de socialização e transmissão simbólica, ”mas também participam como elementos importantes da nossa prática sociocultural na construção de significados da nossa inteligibilidade do mundo” (FANTIN, 2007, p. 1).

A utilização de mídias no meio escolar tem, então, o papel fundamental de guiar e educar as crianças para leituras e compreensão mais adequada do que se aprende diariamente com os meios de comunicação. Como bem relaciona Mônica Fantin (2007), a mídia em sala de aula se objetiva em capacitar alunos e professores como forma de terem o controle sobre o que se consome da mídia, auxiliando para uma tomada de posição mais ativa nessa relação, ou seja, deixando de ser espectador passivo daquilo que se lê, vê, ouve ou consulta em meios de comunicação.

Cabe então dizer que, nas condições e limitações do ensino tradicional, na maioria das vezes, por certa resistência aos meios de comunicação, essa ocorrência merece atenção especial para que se convença à importância de ser inserida a mídia em sala de aula. Para tanto, como argumentação plausível de que seja feita a educação para a mídia, vale ressaltar que essa “é uma condição de educação para a cidadania, um instrumento para a democratização de oportunidades educacionais e de acesso ao saber, o que contribui para a redução das desigualdades sociais” (FANTIN, 2007, p.2).

A forma passiva com que a sociedade recebe a mídia cria a necessidade de uma educação para mudanças no aspecto receptivo de conteúdos midiáticos. Essa forma de educar para a mídia consiste, não só em estimular a criticidade e o compromisso cidadão como aqui descrito, mas também, no sentido de criar habilidades quanto às técnicas utilizadas pelos meios de comunicação. É exatamente o exercício de técnicas utilizadas pela mídia que fará o indivíduo a ter uma leitura mais exata sobre aquilo que os media pretendem com determinados discursos.

O grande desafio de inserir a mídia em sala de aula seja, talvez, a eliminação da idéia comum na área da educação, de que meios como rádio, televisão e histórias em quadrinhos sejam apenas formas de entretenimento. Isso é, sem dúvida, um dos principais motivos que inibem professores e/ou instituições de ensino a trabalharem a mídia em sala de aula como ferramenta que contribui no aprendizado. Portanto, a título de reforçar a importância da mídia em sala de aula, cabe dizer que a mídia-educação contribui para “fazer da escola um ponto de virada importante na transformação cultural do país se desenvolver uma função diferente de seu papel em relação às mídias e assumir outra disponibilidade para com a cultura da comunicação” (FANTIN, 2007, p. 14).



O EDUCOMUNICADOR

Observando a ausência de habilidades referentes aos meios de comunicação por parte de professores do ensino tradicional e ressaltando a importância de se trabalhar com mídias em sala de aula, nota-se então, que, para um processo mais eficaz de conteúdos apresentados na escola utilizando ferramentas de mídia, se faz necessária o auxílio e a contribuição de pessoas preparadas para tal atividade. Trata-se do educador, que não terá a pretensão de substituir o professor em sala de aula, mas de auxiliá-lo sobre aquilo que se quer aplicar para os alunos.

Para auxiliar as práticas pedagógicas propostas pelo professor e através da tradução de seus conhecimentos técnicos, o educador contribui dentro de sua especialidade, sob a qual é resumida em técnicas de produção utilizadas pelos meios de comunicação. É bem verdade que o educador deve, além de seus conhecimentos técnicos de comunicação, compreender valores pedagógicos para sua atuação em sala de aula, ou seja, compete a ele a dupla função teórica “em ciências da educação e ciências da comunicação” (JACQUINOT, 1998, p. 10).

A função primordial do educador é a adequação de conteúdos midiáticos para a sala de aula de forma seletiva e com a intenção de somar produções dos meios de comunicação para que o aluno tenha, de maneira prática, a idéia que o professor do ensino tradicional propõe passar sobre determinado assunto. Então, o educador:

Vê nos meios uma riqueza pelos seus conteúdos informativos certos, mas também pela maneira em que eles fornecem uma representação do mundo: donde a necessidade de analisar e de comparar visando retificar as ditas representações. (JACQUINOT, 1998, p. 10).

Em suma, a idéia de que o professor é única fonte do saber, é ignorada, visto que, como já se discutiu nesse artigo, a criança aprende com a mídia. O que vale dizer que eles têm uma compreensão daquilo que se explora na mídia, e tal conhecimento e interpretação devem ser considerados. Assim, o educador faz a intermediação entre o conhecimento do aluno, bem como a didática do professor, de forma que, “o aluno pode ensinar ao mestre (principalmente a manipulação de novas tecnologias)” (JACQUINOT, 1998, p. 11). Os alunos podem ensinar uns aos outros através do confronto de idéias; a partir



da utilização dos meios de comunicação, iguais a debates em programas de rádio, de televisão e, ainda, com expressões artísticas como histórias em quadrinhos.

Esse intercâmbio entre professor e educador propicia maior disposição entre os alunos para que os mesmos adquiram conhecimento através de reflexão e investigação, pois a transmissão de conhecimento insere o indivíduo de forma ativa para o cotidiano social, portanto numa visão mais objetiva, quando se propõe a agregar o conhecimento do educador à sala de aula, quer-se oferecer uma educação para que os alunos compreendam o universo social e suas implicações, uma vez que “a educação para os meios é uma introdução à democracia” (JACQUINOT, 1998, p. 13).

Assumir a presença do educador em sala de aula é admitir que outras gerações podem contribuir para a aprendizagem escolar, de modo que colaboradores contemporâneos entendedores dos meios de comunicação dentro da sala de aula. Seria a valorização de todas as formas de aprendizado para uma compreensão mais adequada sobre o funcionamento de uma sociedade bem como os processos evolutivos da humanidade.

OFICINAS DE RÁDIO

Na primeira oficina apresenta-se para os alunos como funciona o rádio e como esse veículo de comunicação pode ser utilizado na educação, servindo de instrumento para socializar o conteúdo assimilado em sala de aula e ainda trabalhar a conscientização ambiental junto à comunidade.

Nas primeiras etapas são desenvolvidas atividades que propiciam a leitura crítica da mídia objetivando o despertar do senso crítico a partir de questionamentos e debates sobre os interesses implícitos nos comerciais veiculados. E ao mesmo tempo, a equipe se atenta para a motivação das crianças quanto ao interesse e a criatividade que elas devem ter durante a realização do projeto.

A segunda oficina de rádio – “Utilização dos equipamentos” – mostra-se como utilizar os equipamentos do rádio (microfone, gravador), locução; como escrever um texto para rádio; os meios de gravações a serem realizadas pelos próprios alunos e ainda exemplos de programas de rádios veiculados na cidade e em projetos de mídia e educação. Para finalizar essa etapa, é feito com os alunos uma breve discussão sobre o programa de rádio a ser elaborado por eles, no sentido de explicar como ocorre a produção do mesmo.

Nas etapas seguintes são utilizados materiais produzidos (anteriormente em sala de aula) pelos alunos e informações publicadas em jornais locais sobre o lixo de Maringá,



servindo de base para a elaboração do programa final. Fala-se novamente sobre os instrumentos utilizados na comunicação radiofônica: o microfone e o gravador, e em seguida é realizada a divisão de tarefas a serem cumpridas por cada aluno.

Na terceira oficina de rádio elabora-se finalmente o programa, acatando as sugestões vindas das crianças. Também se define democraticamente quem toma o posto das locuções e quais matérias serão produzidas, sempre dando autonomia para que os próprios alunos decidam como trabalhar.

A quarta oficina de rádio é planejada para a apresentação do programa aos alunos, no entanto, observa-se através da experiência obtida no Colégio Paraná, que quatro encontros não são suficientes para concluir todo o processo de produção até a edição.

Na quinta oficina de rádio - “Leitura e entonação” – para avaliar a leitura e a entonação de cada aluno, a sala é separada em dois grupos. Cada aluno grava a sua parte e, posteriormente, são feitas as respectivas observações por parte dos colaboradores do projeto. Esse exercício tem a finalidade de compreender como se narra um texto no rádio e ainda melhorar a oralidade das crianças.

A sexta oficina de rádio começa-se a gravação do programa. No primeiro momento, os acadêmicos se reúnem na sala de aula com as crianças e explicam como são feitas as gravações no estúdio. Depois elas são acompanhadas até o estúdio e lá recebem a orientação de como produzir uma melhor locução.

A sétima oficina de rádio é dedicada à finalização da gravação dos quadros produzidos para o programa, e após todo esse processo, a próxima etapa se resume na edição das locuções e apresentação do programa aos alunos.

Atenta-se, principalmente para as eventuais dificuldades com a linguagem radiofônica, e textos não muito adequados para rádio e programa de criança. Entende-se que, em experiências como essa, as crianças não estão imunes aos erros. As frases longas atrapalham, e alterações são feitas no momento da produção textual. O mesmo se faz durante as entrevistas.

OFICINAS DE TV

Essas oficinas se objetivam na produção de um programa de TV que conscientize a comunidade escolar sobre o excesso de lixo produzido e as conseqüências para o meio ambiente. Para o desenvolvimento deste trabalho, pretende-se trabalhar com uma



amostragem de 18 alunos em idade de 9 a 10 anos, da 3ª série, através da pesquisa bibliográfica e da pesquisa ação.

Na primeira oficina TV – a de apresentação do projeto - os acadêmicos de jornalismo (colaboradores) se apresentam e fazem uma breve exposição sobre o processo dos trabalhos com a turma. É explicado que o papel dos acadêmicos é o de orientar, e que o produto final (o audiovisual) seria fruto do trabalho dos alunos da 4ª série. A sala é composta por 32 alunos com a faixa etária entre nove e dez anos.

Durante a oficina, é feito um questionário sobre o que as crianças entendem por televisão e mais importante ainda, o que elas entendem sobre o tema do lixo. Pergunta-se, também, a respeito da televisão, para saber o gosto dos alunos. Percebe-se que a maioria não gosta de jornal, “por usarem uma linguagem que as crianças não entendem”, mas “se o jornal fosse apresentado por crianças o interesse seria maior”. De acordo com o questionário, percebe-se que crianças costumam assistir de 3 a 5 horas de TV, vendo, na maioria do dia, desenhos ou novelas.

Entrando no assunto do lixo, os alunos da 4ª série são questionados sobre as causas lixo e quais atitudes para diminuir a produção. Neste momento a sala é dividida em dois grupos de alunos: um para procurar as causas do aumento do lixo e o outro para saber quais as soluções para diminuir o lixo. Os colaboradores pedem para que as crianças tragam imagens sobre o assunto para o próximo encontro. Encerrando essa etapa, passa-se um vídeo sobre o lixo de Maringá e mais um vídeo para os alunos terem uma noção de como faz um documentário.

Na segunda oficina TV, a de “Leitura Crítica da Mídia”, faz-se questionário que despertam o senso crítico dos alunos como: se tudo o que passa na televisão é verdade? Como a televisão ganha dinheiro? De que forma a audiência gera lucro para a televisão? A participação da turma é efetiva. Com a reflexão os alunos chegam a conclusão que ganha mais dinheiro o canal que em mais audiência e, logo, o comercial é mais caro.

Na sequência, uma brincadeira é feita para que se entenda a lógica do capital na TV. Pede-se, então, para que os alunos escolham uma verdura ou legume de que gostem e defendam o alimento, como se fosse um comercial. Depois os alunos trocam o alimento, escolhendo o que não gostam, tendo que dizer o porquê não comer aquele alimento. A lição de tal brincadeira é que muitas vezes o que é bom para um, não necessariamente é bom para o outro. E é isso que ocorre na televisão, que vai defender certas coisas por acreditar serem boas, cabendo a cada um refletir sobre aquilo que serve para si. Questionados sobre o que era a propaganda e para que serve, muitos das crianças tem a idéia clara que, comerciais são

para vender produtos. Observa-se que apenas duas mães comentam sobre isso com os filhos. Para ilustrar melhor, faz-se uma análise do comercial do sabão em pó *OMO* e da operadora de celular *TIM*, discutindo a intenção dos comerciais e mostrando os aspectos que a propaganda usa: apelo emocional e fundo musical.

Para concluir esta etapa das oficinas um vídeodocumentário, *Galera do meio ambiente*, é apresentado como exemplo de audiovisual feito por crianças. Os acadêmicos dividem a turma em grupos para a produção de pequenas histórias sobre as causas e as soluções do lixo, o que proporciona a maior participação criativa entre os pequenos.

Com a terceira oficina de TV inicia-se a produção do roteiro do audiovisual, decidindo o nome do projeto: Lixo tem solução. Novamente separam-se os alunos em grupos a fim de que apresentem suas idéias de roteiro. Para estruturar o roteiro, verificam-se quais as idéias mais viáveis. A turma propõe-se a dividir as histórias em capítulos, começar o vídeo com uma pergunta – O lixo tem solução? – e terminar com a resposta.

Embora todas as crianças queiram dar idéias, se faz necessário explicar que nem todas as idéias seriam possíveis de se produzir e que nem todos poderiam ser os apresentadores. Entretanto, de maneira democrática, ocorre o comum acordo entre os pequenos em fazer um teste para decidir as funções e as apresentações.

A quarta oficina de TV é dedicada à gravação de oito roteiros escritos pelas crianças para a gravação do audiovisual. Este período é dividido em oito etapas, ou seja, um dia de gravação para cada roteiro. Leva-se em conta aqui a falta de conhecimentos técnicos da linguagem usada em televisão, portando, a necessidade de fazer, várias vezes, a gravação de uma mesma cena, o que tornava os textos deles bastante formal. Todas as alterações do roteiro, durante as gravações, são feitas com a autorização das crianças, fazendo eventuais correções que não mudem o conteúdo central escolhido por elas. As alterações são feitas apenas para adequar o texto formal produzidos pelos alunos à linguagem usada na TV.

Durante todas as gravações, as crianças mostram-se bem preparadas, sempre trazendo o material que precisam para as encenações no set de filmagem. A abertura e o encerramento do audiovisual são as últimas coisas a serem gravadas. A professora do ensino tradicional faz-se presente durante as gravações para ajudar a organizar os alunos nas etapas de gravação.

Na sala de projeção faz-se uma breve demonstração de como o material é editado. Durante esse processo, as crianças ficam satisfeitas a ponto de pedir para repetir por diversas vezes o material gravado e posteriormente, apresenta-se o produto final dessa edição.

OFICINAS DE FOLHETOS E HISTÓRIAS EM QUADRINHOS (HQ)

Os trabalhos em oficinas de Folhetos e HQ se objetivam em mostrar aos alunos do ensino fundamental como as histórias em quadrinhos podem ser utilizadas como ferramenta de conscientização sobre o meio ambiente e a redução da produção de lixo. Além disso, pretende-se desenvolver um pensamento crítico sobre o assunto e orientá-los para que produzam um folheto informativo utilizando os elementos da história em quadrinhos para informar e conscientizar.

Todo o processo se faz em cinco oficinas. Durante a primeira oficina de HQ são apresentadas às crianças alguns personagens das histórias em quadrinhos:

- Super heróis: São sempre pessoas que tem super poderes ou habilidades especiais que os ajudam a lutar contra o mal.

- Mangá: é apresentado como o gênero de história em quadrinhos orientais caracterizados por desenhos bastante expressivos, é lido da direita para a esquerda, impresso em papel jornal monocromático e se diferenciam dos quadrinhos ocidentais por histórias de tramas longas como novelas onde os personagens nascem crescem e aprendem com o passar do tempo.

- Terror: O gênero de terror é muito famoso nos Estados Unidos, Europa e Ásia, não possui muitos adeptos atualmente no Brasil e foram muito usados para disseminar histórias dos pecutores do terror na literatura mundial como Edgar Allan Poe.

- Adultos: Não se trata de conteúdo erótico, mas sim de HQs com conteúdos violentos, explicamos por que existe o sistema de faixas etárias e por que crianças não devem ler esse tipo de quadrinho, pois podem se sentir tentadas a repetir o que é feito pelos personagens.

- Tirinhas: É o gênero mais famoso, são muito populares e muitas ainda são publicadas em jornais periodicamente, caracterizam-se por serem histórias curtas geralmente em três quadrinhos e com piadas rápidas de fácil entendimento e assimilação pelo leitor. Personagens famosos do gênero são *Charlie Brown*, *Garfield*, *Calvin e Haroldo*, *Dilbert*, *Mafalda* e *Baby Blues*.

Percebe-se que todas as crianças interagem com o assunto. Elas observam erros nos quadrinhos nos quadrinhos apresentados. A escolha feita para se trabalhar tal temática são os HQs da *Turma da Mônica* por serem os quadrinhos brasileiros mais populares para despertar o entendimento crítico das crianças, analisando desde aspectos físicos até comportamentais. Exemplo: "Por que os personagens da turma da Mônica não têm dedos

nos pés?” “Por que só as bochechas do Cascão são sujas se ele é sujo por inteiro?” “Por que o Cebolinha chama a Mônica de baixinha se os dois têm a mesma altura?” Em seguida, observam-se as histórias em quadrinhos do *Chico Bento* que é o típico caipira que fala errado, anda com o pé no chão, e é feio em contrapartida. Maurício de Sousa criador dos personagens sabia que o *Chico Bento* poderia propagar o estereótipo do caipira a todas às pessoas do interior, e por isso criou o *Zé da Roça* o exato contra ponto ao *Chico Bento* provando que não é preciso ser feio sujo falar errado e ter o pé no chão para viver no interior.

Em seguida cita-se *Charlie Brown*, personagem de *Charles M. Schulz*. Levanta-se questões sobre o desrespeito contínuo que ele sofre dos amigos e do próprio cachorro, ser apaixonado por uma menininha ruiva que não sabe que ele existe e ser um pré-adolescente careca. Desenhos animados do Charlie Brow são trabalhados com as crianças, que dizem: “ele é careca, e o cachorro dele abusa da boa vontade do próprio dono”.

Em sala, com os alunos, revela-se a idade de alguns personagens como *Mickey* (80 anos), *Pato Donald* (75 anos). Em seguida aborda-se os relacionamentos amorosos do *Mickey* e *Donald* com suas respectivas namoradas *Minnie* e *Margarida*, os dois estão namorando, mas nunca pediram suas namoradas em casamento, fixando a idéia de confusão na formação de uma estrutura familiar para o criador *Walt Disney* e, para fixar mais essa idéia, mostramos o desenho “Louco pela Margarida” que reforça o desejo de permanecer solteiro. A história mostra o *Pato* indo visitar sua namorada *Margarida*, no caminho *Tico* e *Teco* o insultam, fazendo pegá-los e submetendo os dois a um castigo, *Margarida* o repreende por isso e o manda embora. As crianças e chegam à conclusão que “quem estava o tempo todo certo era o *Donald* que acabou se dando mal”.

O desenho do *Papa-léguas* também é apresentado. As crianças interpretam que o *Coyote* nunca consegue pegá-lo e ele continua tentando. Explica, então, que o desenho passa a mensagem da busca pela felicidade, o *Coyote* só será feliz se pegar o *Papa-léguas* mesmo tendo dinheiro para comprar comida ele gasta em equipamentos que não funcionam para pegar o *Papa-léguas*. Ao final, distribui-se revistinhas de HQs, variadas histórias, com a seguinte atividade: a de cada crianças ler uma revistinha e apontar os erros e as críticas observadas.

A primeira etapa da segunda oficina de HQ é desenvolvida para testar o efeito da primeira oficina no que compete a criticidade dos alunos, que levaram as revistinhas para ler em casa e analisar no último encontro. Os alunos prendem-se em parâmetros e análises voltadas para questões de comportamento e de físico, mas também é uma atenção dos

pequenos para uma questão ideológica. Por exemplo: um dos alunos faz duas considerações sobre os personagens da *Turma da Mônica* que se aproximaram mais da análise ideológica. Primeiro que a *Mônica* não devia usar da violência e sim deveria conversar com os meninos e, segundo que os meninos deviam parar de provocar a *Mônica*.

Uma das alunas, que também leu uma revistinha da *Turma da Mônica* diz que “a *Mônica* é muito agressiva, não dá chance de meninos se explicarem e que os obriga, através do uso da força, a comer um *flan* que ela havia cozinhado”.

Os alunos, com a revistinha do *Pato Donald*, fazem várias críticas quanto aos erros de continuidade, como por exemplo: um abajur que cai em um quadrinho e que não apareceu quebrado no quadrinho seguinte, animais se relacionando com seres humanos como se pudessem realmente conversar entre si.

Para entrar na técnica são mostrados aos alunos alguns tipos de balões usados na produção de histórias em quadrinhos, dentre eles os balões de fala normal, de pensamento, de cochicho, de choro, de grito e de apaixonado (com coraçõezinhos em volta), símbolos que representam efeitos sonoros (*vupt, zum, pow, poft, paf, splash, tchibum*) e também tratamos de símbolos diferenciados que podem ser usados ao invés da linguagem como alguns desenhos que representam xingamentos, o uso da letra “Z” quando o personagem está dormindo e dentre outros. Os alunos ressaltam para alguns quadrinhos e elementos que não foram expostos no quadro, como uso da lâmpada para simbolizar idéia, do “BUA” para o choro e dentre outros. Além de assimilarem os tipos de balões e recursos diferentes nas histórias em quadrinhos todos citaram exemplos de como cada um desses elementos poderia ser usado e o momento certo para isso.

Em seguida, dá-se início à segunda parte da oficina onde se dividem duplas e trios para a aplicação da atividade programada pelos colaboradores do projeto.

A atividade é dividida em quatro etapas, na primeira delas os alunos precisam criar falas para os personagens desenhados na tirinha desde que tenha a ver com o meio ambiente, reciclagem e reutilização do lixo, todos foram muito criativos e aproveitaram ao máximo todos os recursos possíveis que aprenderam durante a oficina e inclusive pintaram os personagens.

Na hora de criar um personagem é preciso levar em consideração o que ele é e o que ele faz, a partir do momento que o criador tem isso bem definido, podem ser feitas as histórias em quadrinhos. Com o fim da oficina explica-se como aconteceriam as demais atividades na oficina seguinte que os alunos deveriam já ir pensando em que tipo de



personagens pode ser criados para história em quadrinhos e que tipo de historinha cada equipe iria fazer.

O objetivo final é que todas as crianças concluam as atividades passadas, e com elas se consiga produzir um panfleto, podendo ser distribuído às famílias, amigos, parentes, para conscientização na produção de menos lixo.

A terceira oficina de HQ consiste na criação do roteiro para a história em quadrinhos e na confecção do primeiro esboço. Novamente os alunos se dividem em seis equipes, algumas equipes de oficinas anteriores são mantidas.

As crianças atendem ao pedido dos orientadores que, para esse encontro, trazendo partes da história pré-definida e que tipo de personagens comporia a história. Todos estavam trabalhando em grupos e nenhuma escolha poderia ser tomada sozinha.

Alguns alunos apresentam dificuldades de trabalharem em equipe, de forma que, num primeiro momento, não conseguem chegar a um consenso sobre quem iria ocupar qual função na produção do HQ. Nota-se dificuldade, também, em decidirem sobre qual seria a história e quais seriam os personagens. É nesse momento que se faz importante a presença de uma pessoa para mediar a situação, fazendo com que as crianças entendam que se trata de um trabalho em equipe. Enfim, produzem um material bastante simples e em termos de Histórias em quadrinhos, porém muito criativo. Nessa história o lixo encontra com a lixeira e os dois começam a conversar, o lixo pergunta para a lixeira o que ela faz a respeito do lixo, a lixeira responde que não agüenta mais comer lixo e que estava enjoado, então o lixo convence a lixeira da importância da sua função na preservação do planeta, a lixeira concorda e no final o lixo pula pra dentro da lixeira.

Algumas crianças chegam rapidamente a um consenso sobre que tipo de história fazer. Decidem contar a história sobre um grupo de animais, dentre eles haviam, um peixe, uma cobra, uma capivara, uma onça e um ornitorrinco. A história segue da seguinte forma: os animais haviam encontrado o rio todo sujo e após limpá-lo sobem a margem e encontram a pessoa responsável pela sujeira, o ornitorrinco pega um porrete enorme com um prego enferrujado na ponta e desfere um golpe na cabeça do poluidor, em seguida todos os animais jogam o humano no rio como se fosse lixo e terminam a história fazendo uma festa. Alguns erros são necessários observar, novamente entra a figura do colaborador para auxiliar as crianças. Primeiramente, já que a história se ambienta no Brasil o ornitorrinco teria que ser retirado, pois é um animal que só existe na Austrália, os alunos optam por ambientar a história na Austrália para não perder o ornitorrinco, porém dois personagens



não podem ser usados com essa mudança (capivara e a onça), animais tipicamente brasileiros.

Percebe-se, também, que, mesmo sem querer, algumas equipes montam histórias extremamente parecidas. Uma delas é a história que trata crianças que viam seus amigos prejudicando o meio ambiente e essas mesmas crianças começam a conscientizar seus amigos. É bastante comum o número de crianças que tem uma boa escrita e um desenho ruim, mas a união dessas habilidades naturais de cada uma delas é possibilita a conclusão do trabalho com histórias em quadrinhos.

Os materiais produzidos são recolhidos para análise e seleção. Três das seis histórias seriam escolhidas e que na semana seguinte seria feita a produção dessa última história. A professora do ensino tradicional auxilia na oficina ajudando a corrigir os erros de português dos alunos, como forma de contribuir com o trabalho.

A quarta oficina já se inicia com a expectativa dos pequenos em saber qual a historinha e desenho escolhido para trabalhar com o HQ de conscientização sobre a diminuição de produção de lixo.

As equipes que não foram selecionadas ficam descontentes com o resultado, mas deve-se explicar que esse também é um exercício de democracia, onde nem sempre acontece aquilo que se quer. Em seguida inicia-se a segunda etapa do exercício de democracia, tendo em mãos as três histórias finalistas começou o processo de votação para escolher qual seria a história em quadrinhos produzida pela turma, um processo que toma mais da metade do tempo da oficina. Definida a história, a sala é separada em duas equipes, uma responsável pelo roteiro e a outra pelo desenho. O exercício democrático toma muito do tempo da oficina o que não permitiria o termino das atividades no mesmo dia, então a equipe de desenho composta pelos alunos Alexandre (Cidade), Alex (Capivara), Beatriz (Festa), Eduarda (Criança), Julia (Floresta), Juliana (Lixo), Lucas (Rio e peixe), Mariana (Onça) e Vivian (Cobra) é orientada a praticar seus desenhos (descritos acima entre parênteses). A equipe do roteiro composta pelos alunos Amanda, Gabriel, Mariana, Marisama, Rafael e Paulla, recebe a orientação de produzir o roteiro da história, com início, meio e fim, decidir se seriam usadas falas ou não e quais seriam e incluir elementos que seja de seu interesse, desde que não fosse alterado o local onde a HQ foi preparado, as situações e os personagens.

Depois, decidem inserir falas, retirar a parte onde os animais jogavam o humano no rio e escolheram que os animais devem conscientizá-lo sobre a prática dos três R's, encerrando a história com uma festa, na qual os animais festejam o rio limpo e o garoto recolhe tudo o



que jogou no rio e recicla o lixo. Ao término da oficina os primeiros rascunhos feitos pelos alunos da equipe de desenho também foram recolhidos.

No final da oficina percebe-se que será necessário mais uma oficina, porém não há condições para que os alunos montem o panfleto em sala de aula, sugere-se, então que as crianças desenhem os personagens e escrevam o roteiro. O HQ seria, mais tarde, montado pelos acadêmicos, solucionando o problema.

A quinta oficina é dedicada apenas para os retoques e finalização da história em quadrinhos organizada nas oficinas anteriores pelas crianças.

As atividades se iniciam com uma breve explicação do que é um “*Story Board*”. O “*Story Board*” é o primeiro processo de produção após ser estabelecido o roteiro, através de rascunhos são definidos os elementos que compõe a cena, o cenário, como os personagens estarão dispostos na ação e, assim, tem-se a noção básica de como os desenhos precisam ser feitos. Depois alunos começaram as orientações para que os desenhos fossem produzidos de acordo com o que foi definido no “*Story Board*”.

O processo final de produção mais conhecido como diagramação e edição é a única etapa da produção da HQ sob a qual os alunos não participaram, porém todo o trabalho artístico é desenvolvido único e exclusivamente pelas crianças.

CONSIDERAÇÕES

O projeto aqui trabalhado, que se utilizou de três mídias – Rádio, TV e Histórias em Quadrinhos – que contribuíram para o aprendizado mais completo por parte das crianças do ensino fundamental acerca do tema que se objetivou na conscientização da comunidade em diminuir a produção de lixo na cidade. Além da exploração do tema sobre meio ambiente, cada mídia foi trabalhada de acordo com conteúdo proposto pelos próprios alunos e, através de oficinas, educadores (acadêmicos de jornalismo) auxiliaram no desenvolvimento das atividades.

Durante as oficinas de rádio as crianças mantiveram o interesse pela produção do programa. Algumas delas não gostavam de rádio e ao final das etapas, reconheceram a importância do veículo, e até se contentaram com a oportunidade. Para a maioria dos alunos, foi muito importante aprender a utilizar o rádio em sala de aula para a socialização dos conteúdos disciplinares. E houve evolução na comunicação das crianças. Estão mais interativas. Além de melhorar a leitura e interpretação. Antes elas apresentavam muita

dificuldade para ler um simples texto. Liam sem respeitar a pontuação, agora não. Estão mais soltas e conscientes – críticas.

Quanto ao envolvimento dos professores do ensino tradicional envolvidos no projeto, vale destacar como positiva a participação deles. As pedagogas acompanharam o processo de aplicação das oficinas e se preocuparam em atender às solicitações encaminhadas. Na avaliação da professora, as oficinas contribuíram para o aprendizado das crianças. “Elas estavam motivadas o tempo todo, e por isso foram tão criativas e responsáveis no momento da produção do programa”. Para a diretora, “a integração com os alunos de jornalismo foi muito válida, pois despertou nas crianças o interesse e a valorização pela comunicação”. Segundo ela, esse envolvimento trouxe resultados positivos e a partir desse contato estabelecido entre colégio e faculdade, a expectativa com o vínculo criado é de favorecimento para ambas as partes.

Ao final das oficinas de rádio, as crianças escreveram cartas aos acadêmicos de jornalismo socializando o quanto foi significativo aprender sobre o rádio e o como gostaram da interação com a equipe durante as atividades desenvolvidas. E a forma como avaliaram é que surpreendeu a todos: avaliação profunda e com sensibilidade. Além de elogios, não faltaram as observações críticas.

Quanto ao número de oficinas objetivadas no pré-projeto, não foram suficientes. Entre os encontros de leitura crítica, discussão do *script* do programa, gravação e avaliação da voz, foram necessários sete momentos.

No geral, a realização das oficinas de rádio foi muito importante. Primeiro pela interação alunos do colégio com alunos da faculdade. Depois pela seriedade com que as crianças assumiram o compromisso de produzir o programa e dessa forma socializar o conteúdo do lixo. Ainda pela sensibilidade da professora Luciana e diretora Diva, em acompanhar os alunos de jornalismo, auxiliando-os, sempre que era preciso.

Os alunos respondiam as perguntas; davam sugestões de como deveria ser o produto final; traziam o que era pedido nas oficinas e quase todos queriam aparecer no vídeo.

Na elaboração do roteiro, as crianças surpreenderam, pois muito montaram o texto em forma de roteiro, com os *offs* (texto para cobertura de imagens) e as partes divididas de cada um, trouxeram as imagens para ilustrar seus *offs* e explicavam como queriam que fosse a sua encenação.

Nas gravações das cenas e dos depoimentos, os textos dos alunos estavam pouco espontâneo, devido não estarem acostumados com a linguagem de televisão. Por isso, os acadêmicos sugeriam alterações no texto, não mudando o conteúdo, mas apenas a forma



mais coloquial. Todas as modificações foram feitas em acordo com os alunos, que muitas vezes melhoravam as nossas sugestões, acrescentando idéias melhores.

A empolgação com o projeto era de todos, eles tinham idéias bem estipuladas de como queriam encenar o texto e traziam materiais que seriam usados em cenas ou depoimentos para melhorar a encenação. Constatou-se que as meninas são mais centradas e mais fáceis de trabalhar do que com os meninos.

No final das oficinas foi mostrado o vídeo semi-pronto, explicando que ainda passaria por uma finalização, alguns dos alunos mostraram interesse pela edição do trabalho. Todos gostaram do audiovisual, tanto que pediram para ver novamente.

Em geral podemos considerar que a aplicação da mídia televisão em sala de aula é válida pela possibilidade do exercício de novas formas de expressão do conteúdo aplicado em aula.

Pôde observar que a televisão ainda exerce um fascínio, até certo deslumbramento por parte de alguns alunos que se preocuparam mais com o visual do que com o conteúdo e formato do vídeo, como também timidez, já que três alunos optaram por não aparecerem no vídeo.

O resultado das oficinas de TV proposto e executado pelo projeto fora bastante positivo pelo envolvimento e participação da turma, além do vídeo externar o trabalho realizado por professora e alunos em sala de aula.

A primeira oficina de HQ foi a mais significativa, pois através dela foi possível perceber o nível de conhecimento e criticidade dos alunos a respeito das histórias em quadrinhos. Cada tópico apresentado levantava um questionamento e na maioria deles os alunos acertaram em cheio. Foi uma experiência motivadora para a equipe que aplicou as oficinas, tanto pela receptividade e participação das crianças quanto pela o envolvimento dos professores e da coordenação da escola, que não levavam muita fé no projeto de HQ e folheto.

A segunda oficina de HQ foi importante para que se avaliasse o efeito produzido no senso crítico das crianças após a primeira oficina, os alunos não focaram no contexto ideológico, mas sim se prenderam a padrões de costumes e físicos ao lerem as revistinhas cedidas pela equipe. Todos expressaram suas opiniões. Nas etapas seguintes notou-se a capacidade de criação dos alunos bem como a abertura para o trabalho em equipe.

As etapas finais das oficinas renderam momentos bem interessantes, pois houve a necessidade de desenvolver o exercício de democracia entre os alunos, todos aqueles que não foram selecionados na primeira etapa não entendiam o porquê e ficaram muito



chateados, mas é um processo democrático, nem sempre aquilo que queremos acontece e as avaliações foram feitas a partir de muitos critérios.

O roteiro com falas foi muito bem desenvolvido pela equipe de roteiro com pequenas correções gramaticais apenas. Os desenhos finais foram entregues e todos aqueles que se envolveram nessa equipe trabalharam bastante. Uma observação interessante que se faz, não só a reciclagem, mas a educação dos alunos e também a preocupação com a escrita e o interesse pela gramática.

Comprova-se, desta forma, que a introdução da mídia-educação no ensino fundamental do Colégio Paraná foi válida, visto que, respondeu às expectativas do plano de ensino, cujo conteúdo trabalhado em sala de aula, tratando de problemas ambientais como os de socialização do lixo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELLONI, Maria Luiza. **O que é Mídia-educação.** Autores Associados 2005. 2ª ed. Campinas – SP

FANTIN, Mônica. **Mídia e Educação.** Florianópolis, Cidade Futura, 2006

FONSECA, Cláudia Chaves. **Os meios de comunicação vão à escola?** Belo Horizonte: Autêntica, 2004

GUTIERREZ, Francisco. **Linguagem Total: Uma pedagogia dos meios de comunicação.** São Paulo. Sannus Editorial, 1987

_____ Dimensão pedagógica das novas tecnologias da comunicação e informação. **In:** JAQUINOT, Geneviève. **O que é Educomunicador?** www.usp.educomunicacao/saibamais/textos.

SOARES, Ismar de oliveira. **Comunicação/Educação. A emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais.** Contato. Revista Brasileira de Comunicação, Arte e educação. nº2, Brasília: Senado Federal, 1999

ZACHARIAS, Vera Lúcia Câmara. **Educação Geral.** Centro de Referência Educacional 2007 - <http://www.centrorefeducacional.com.br/educge.html> - Acesso em 29 set. 2009 às 03h15.